

ID: 119860134

30-10-2025

Tiago Rosa Gaspar e Vítor Caldeira

Autores do livro Decifrar a Corrupção - Rumo a uma cultura de integridade em Portugal

# Educar os mais novos para criar uma sociedade que censure a corrupção



Nuno Martins Neves  
nunomartinsneves@acorianooriental.pt

## Ainda é preciso decifrar o que é a corrupção hoje em dia?

**Tiago Rosa Gaspar (TRG)** - Creio que sim, é muito importante deciframos a corrupção, porque este é um fenómeno que nos entra pelos telefones, pelas televisões, pela casa adentro, constantemente, mas temos muita dificuldade em compreendê-la.

Primeiro pela própria natureza da corrupção, que é muito obscura; e depois porque é um tema bastante complexo, tem sempre um jargão técnico-jurídico associado, que é muito difícil de compreender. Portanto, esta ideia de decifrar a corrupção surge para que possamos compreender de forma simples, mas rigorosa, do que estamos a tratar. Porque depois a própria perceção tem

impacto na qualidade da democracia.

### E o que é a corrupção?

**TRG** - A corrupção é transversal à sociedade, como se diz no livro. Não está associada a nenhuma região geográfica, nem a nenhuma cultura em particular, nem a nenhum quadrante do espectro político, é completamente transversal. E daí também ser tão preocupante e importante compreendermos o fenómeno e perceber como é que podemos mitigá-lo.

Porque a verdade é que, assim como outros fenómenos sociais, a corrupção acompanha-nos há muitos milénios. A ideia é que, de facto, tentemos reduzir aquilo que são as práticas corruptivas, para podermos viver com mais integridade, com mais qualidade de vida, com índices de desenvolvimento (que envolvem um conjunto de coisas como educação, saúde, etc.) mais elevados.

### E como é que se trabalha rumo a uma

### cultura de integridade, que passos é que podem ser dados pela sociedade?

**TRG** - Bem, primeiro tentarmos compreender o fenómeno será o primeiro passo, mas eu insisto muito na ideia de que é preciso também haver uma alteração daquilo que se chama as normas sociais. Aliás, há um exemplo que eu tenho utilizado muito, que uma vez o Dr. Vítor Caldeira deu, que é aquele episódio clássico de estarmos ainda na escola, na fila do refeitório, e vemos um amigo mais à frente e temos aquela tentação de furar a fila.

E trabalhar rumo a uma cultura de integridade, alterar as normas sociais, é trabalhar para que, enquanto sociedade, esse tipo de comportamentos - portanto não estamos a falar sequer de comportamentos a nível de gabinetes de governantes, estamos a falar inclusive de práticas do nosso dia a dia - sejam censurados pela

própria sociedade. E, dessa forma, contribuir também para uma fase da prevenção, que será ideal. Portanto, antes sequer dos mecanismos da anticorrupção, etc., é a própria sociedade condicionar os potenciais agentes corruptores.

**Vítor Caldeira (VC)** - O exemplo tem a ver com isto, é, nós toleramos a nós próprios aquilo que censuramos aos outros. Se perguntar alguém, se já corrompeu alguém, vão dizer que "não, nunca fiz isso". Mas se perguntar, e já pediu algum pequeno favor, médico - quem é que não foi levar um coelho ou uma galinha, ao médico pelo Natal? É esta cultura que nós temos, de tolerar este tipo de pequenos favores, que depois se espalha. Mas hoje a sociedade já não reage dessa maneira, é menos tolerante, sobretudo em relação a quem que tem o poder.

### Exato. Mas aos outros, não a nós.

**VC** - Nunca nos pomos no lugar do ou-

ID: 119860134

30-10-2025

tro. E portanto, esta mudança de mentalidade, de cultura, este caminho para mais integridade que começa em cada um deles, isso passa pelos mais jovens. Aquele episódio dos secretários de Estado que foram convidados para assistir à final do campeonato europeu de futebol em Paris, levou à demissão desses dois membros do governo, por terem aceite um convite para a final do campeonato europeu.

Há 5 anos ou 6 anos antes, provavelmente, era tolerado esse comportamento. Naquela altura não foi e hoje muito menos se toleram este tipo de comportamentos. Agora, na sociedade em geral, a tolerância ainda é maior, não tem este nível tão fino, tão exigente, ainda toleramos muito, portanto a censura é menor. E aí a educação tem esse papel.

**É uma mudança de paradigma, que não se faz de hoje para amanhã, nem a 10, 15 anos.**

**VC** - São gerações. E isso já se notou quando estava na presidência do Tribunal de Contas e era também presidente do Conselho de Prevenção da Corrupção. Uma das iniciativas que tinha mais sucesso era um programa junto das escolas, através dos professores - aliás, uma das escolas

“

**É esta cultura que nós temos, de tolerar este tipo de pequenos favores, que depois se espalha. Mas hoje a sociedade já não reage dessa maneira, é menos tolerante, sobretudo em relação a quem que tem o poder.**

Vitor Caldeira  
Coautor

de São Miguel venceu um dos prémios. E isso ajuda muito a transformar os pais em casa. Eu acho que é por aí que teremos que investir. Esta mudança passa mais pela educação dos mais jovens.

**TRG** - E há bons exemplos de que este tipo de políticas funciona. Em Portugal, foi evidente na reciclagem. Eu recordo-me que há 20 anos ninguém reciclava nada e houve uma campanha muito forte que começou precisamente nas escolas. Portanto, foram os filhos que foram educados e que educaram os pais e os avós a reciclar. Há extensas evidências de que políticas com uma forte componente em literacia para a população têm resultados muito positivos.

Na corrupção existem algumas evidências também. E foi também um bocadinho por aí que tentámos ir e dar contributo com este livro, acabando por trazer uma ferramenta que facilite essa aproximação ao tema, essa compreensão mais holística,

mas simples também do tema, que possa servir desde miúdos a graúdos. E por isso, sem dúvida, a educação é o caminho até chegarmos a essa cultura de integridade que almejamos.

**Podemos educar as pessoas para serem mais íntegras, mas depois o que vemos na sociedade é o seu contrário. Até porque o número de condenações por corrupção, por exemplo, em 2024, foi bastante baixo. Entre os cerca de 3 mil processos, apenas 103 condenações existiram.**

**VC** - O crime de corrupção é um dos mais difíceis de fazer a prova. E há um discurso: até que ponto é não razoável inverter o ónus da prova. Nesses casos a legislação não evoluiu nesse sentido, aliás, considera-se mesmo que seja inconstitucional.

Mas a verdade é que o exemplo também tem que vir de cima. Quem tem um papel de liderança num país, governo, ou seja, o que for, tem que dar o exemplo.

Porque senão as pessoas dizem, porque é que eu vou fazer, se quem me lidera não o faz? Isto leva a que nós tenhamos esta perceção: por exemplo, hoje todos aqueles que exercem em cargos de poder - seja, nas autarquias, no governo, onde for - são corruptos, por definição. Ora, isto não é verdade.

Muitas das situações que são condenadas, são de crimes equiparados aos crimes de corrupção, como o abuso de poder, prevaricação. Eu lembro-me de uma autarquia em que um funcionário ficou com o dinheiro das senhas de entrada na piscina, desviou aquele dinheiro público, isso é um crime, equiparado também aos crimes de corrupção.

Nós vemos, depois, aquilo que é mediatizado em relação a antigos primeiros ministros, ou outros altos governantes, a sensação é de que não acontece nada. Nunca mais se resolve.

**A justiça é para uns e é para outros.**

**VC** - Há esse sentimento de frustração, de injustiça, que depois não resolve nada, mas contribui para que a minha tolerância em relação aos outros, quanto a estes fenómenos, seja muito pequena. Isso impede-me de prosseguir, pois "se eles fazem, porque é que eu não hei-de fazer?"

E é isso que acaba por criar esta perceção errada de que todos são corruptos e não há nada que mude. Acho que o grande mérito desta obra é exatamente o despertar-me das consciências para que haja, de facto, uma cultura nova de integridade, não só na administração pública, não só na gestão da coisa pública - naturalmente, que é mais importante - mas também na nossa vida de todos os dias, preocupar-nos um pouco com isto e sermos íntegros, exigimos dos outros que sejam connosco.

Se a sociedade não evoluir nesse sentido, dificilmente conseguiremos ter essa mudança cultural. Portanto, acho que esta obra ajuda um pouco a ver isso - e discute com diferentes instituições ou diferentes famílias como é que isso pode ser feito - e acho que é uma contribuição positiva e fico muito grato em colaborar com esta iniciativa, para exatamente ajudar a mudar esse sentido, as mentalidades. E os mais pequenos têm de ser os primeiros.

“

**Os políticos e os nossos governantes, quem está à frente das nossas instituições, devem dar um exemplo. Mas numa democracia os cidadãos devem escrutinar e exigir uma cultura de integridade.**

Tiago Rosa Gaspar  
Coautor

**Podemos dizer que é um manual para um Portugal melhor?**

**TRG** - Sim, é isso, no fundo é isso, é percebermos, é um manual para que possamos perceber que a corrupção não é algo de agora, não é algo inerente à democracia, portanto, atravessa diferentes regimes políticos, diferentes épocas históricas. As suas origens são discutíveis e são discutidas há milhares de anos. Será que somos corruptos por natureza ou é a forma como nos organizamos na sociedade que nos corrompe? Qual é a natureza do fenómeno? Como é que ela surge? Que consequências é que tem para a nossa economia, para a nossa vida em sociedade, como Estado de Direito? Até para os direitos humanos, que é uma área que normalmente não é tão abordada quando se fala de corrupção, mas que é uma área também crítica e que envolve questões particularmente sensíveis, desde logo das minorias que acabam por ser mais prejudicadas, mas também situações de denunciamentos que possam ser perseguidos.

Como é que podemos combater este fenómeno e com particular atenção para o facto de ele ser um fenómeno transnacional? Vivemos num mundo global e, portanto, este também é um fenómeno global e é preciso olhar para ele e combatê-lo com um bocadinho mais de visão. E o que é que nós podemos fazer individualmente?

Porque, sim, 100% de acordo com aquilo que disse o Dr. Vitor Caldeira: os políticos e os nossos governantes, quem está à frente das nossas instituições, devem dar um exemplo. Mas também numa democracia os cidadãos devem escrutinar e exigir uma cultura de integridade.

**O Governo Regional dos Açores criou, em 2021, um Gabinete Anticorrupção do qual, passados quatro anos, ainda não se conhece atividade - aliás, só será divulgada este ano.**

**TRG** - Não é positivo, mas é algo que é transversal todo o território nacional não é característico dos Açores. O Mecanismo Nacional de Anticorrupção foi criado e também demorou alguns anos até começar a funcionar plenamente - e mesmo este "plenamente" ainda pode ser discutível. Tivemos uma Estratégia Nacional de Anticorrupção, que entretanto

expirou; temos agora uma Agenda - que não é uma Estratégia. Portanto, criamos um Mecanismo Nacional de Anticorrupção para se pronunciar sobre a Estratégia, mas agora não há Estratégia para o Mecanismo se pronunciar. São contradições múltiplas que existem.

Respondendo diretamente: se ajudam? Não ajudam e passam também a percepção de que há, de certa forma, pouca vontade e um imobilismo por parte dos governantes, que fazem as pessoas questionarem-se: se eles não fazem, porque é que eu hei-de fazer?

**VC** - Lembro-me, há anos, que havia uma preocupação do Governo Regional em incentivar os organismos públicos de terem planos de prevenção da corrupção e isso teve um impacto muito grande. Presumo que este gabinete tenha, entre outras atribuições, continuar a avaliar e seguir esses planos.

Pois é importante que existam, mas não podem ser tipo um quadro que fique emoldurado no gabinete da instituição: têm que ser vividos, praticados e sobretudo disseminados.

Penso que aqui, nos Açores, essa iniciativa do Governo Regional - penso até que nas propostas do Orçamento existia mesmo uma norma que obrigava os organismos a reverem, a cada ano, os seus planos de prevenção da corrupção - é ótima e se este gabinete, mais vale tarde que nunca, poder fazer um trabalho sério, sólido, no âmbito das atribuições que lhe foram conferidas, certamente poderá ser um instrumento muito útil para que esta cultura de integridade na administração regional possa de facto ser vivida, e essa transformação ocorrer: evitar os conflitos de interesse, prevenir atos de má conduta, que podem levar a situações de incompatibilidade séria, naquilo que se faz e com o que se faz. ■

## Perfil

**Tiago Rosa Gaspar.**

Nasceu em Lisboa, em 1999. Mestre em Desenvolvimento Internacional e Políticas Públicas pela Nova School of Business and Economics. Investigador na área da prevenção e combate à corrupção, é membro fundador da All4Integrity, uma associação apartidária da sociedade civil dedicada à prevenção e combate à corrupção.

**Vitor Caldeira.**

Nasceu em Campo Maior, em 1960. Licenciado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e pós-graduado em Estudos Europeus pelo Instituto Europeu da mesma Faculdade. Foi presidente do Tribunal de Contas Europeu (de 2008 a 2016) e do Tribunal de Contas de Portugal (entre 2016 e 2020). Foi membro da Comissão de Auditoria e Controlo do Programa de Recuperação e Resiliência entre 2021 e 2023. Atualmente é membro do Conselho Geral Independente da RTP. É igualmente Professor Convidado na Universidade Nova-IMS e no ISCTE-IUL.

ID: 119860134

30-10-2025

**Entrevista**  
**Tiago Rosa Gaspar e Vítor Caldeira**  
Autores de "Decifrar a Corrupção - Rumo a uma cultura de integridade em Portugal"

**"O crime de corrupção é dos mais difíceis de fazer prova"**

PÁGINAS 2 E 3



DIREITOS RESERVADOS